

# GAZETA MEDICA DA BAHIA

ANNO VII.

BAHIA 30 DE JUNHO DE 1874.

N.º 166

## SUMMARIO

**MEDICINA**—Hygiene publica. O esgoto, a limpeza, e o abastecimento das aguas em Lisboa pelo Dr. Bernardino Antonio Gomes. O *encalyptus globulus*. Silicato de potassa ou vidro liquido pelo Dr. Chernoviz. **CORRESPONDENCIA**—Estado Sanitario e factos clinicos no Ceará pelo Dr. Melon da F. Alencar. **VARIE-**

**DADE**—Os gêmeos Seâmeces. **NOTICIARIO**—Uma epidemia de syphilis. Cremação. Modo de conservar a madeira empregada nas grandes indústrias e nas estradas de ferro. Conservação dos ovos. **FORMULARIO**—Injecção contra a blenorrhéa.

## MEDICINA

### HYGIENE PUBLICA

O ESGOTO, A LIMPEZA E O ABASTECIMENTO DAS AGUAS EM LISBOA O QUE FURAM OU SÃO E O QUE DEVEM SER.

Pelo Dr. Bernardino Antonio Gomes

(Continuação do n. 165)

A cidade assenta pela maior parte sobre estas formações terciarias; ha porém n'ella um limite que as extrema das formações secundarias, que ali começam descobertas para depois constituirem quasi na totalidade o massiço occidental. Este limite assignalado pelo geologo que primeiro estudou a região, Daniel Sharpe (2), existe ao longo da rua de S. Bento, aonde os edificios do lado occidental assentam já todos sobre a dita formação secundaria. É esta uma outra circumstancia de structura no solo da cidade, digna tambem de attenção, pela influencia que ha de exercer diversa nas condições hygienicas e outras das duas partes da cidade, e influencia que foi decidida nos effeitos do terremoto de 1755, experimentado de modo igualmente diverso em cada uma d'essas partes. Quando pelo Mappa de Portugal de João Baptista de Castro seguimos os estragos por toda a cidade, as duas partes extremam-se assim naturalmente; n'uma, a occidental, esses estragos foram quasi nullos, na outra os maiores, especialmente em toda a baixa da cidade, aonde o banco de argila era o unico apoio dos alicerces das casas. Ahí tudo aluiu. Na propria rua de S. Bento ainda hoje vemos de pé e incolumes os grandes edificios, que assentam no lado occidental da rua, como é o palacio das côrtes e antes convento beneditino. Influíu para isso sem duvida a rigeza e solidez da ro-

cha que firma de um lado os alicerces das casas, e de outro a falta d'essa solidez; e influíu talvez o proprio phenomeno cosmico, o qual operaria mais no seio das formações terciarias do que no das outras. Daniel Sharpe foi o primeiro que fez o reparo, e deu a presente explicação a respeito de um facto que antes havia sido menos bem interpretado. (3)

Além das aguas orientaes, as bacias hydrographicas a explorar para o abastecimento de Lisboa nos dois massiços, seriam as que foram indicadas, e vão de Cascaes a Sacavem. O que respeita porém as de Cascaes, Manique e Oeiras, ou é insignificante ou demasiado distante para ter verdadeira importancia. Estão quasi no mesmo caso as aguas de Cintra, que não sobejam na localidade, e que seria custoso

(3) A formação secundaria que constitue o segundo massiço, e apparece ja no solo da cidade para o occidente da rua de S. Bento, consta de calcareos, argilas e marnes; os calcareos desde os mais brandos e argilosos, até aos de maior consistencia e marino-reos. Podem estes vêr-se na grande falha de Alcantara, de S. Julião a Cascaes, na estrada de Bucellas ao Tojal, do Cercal a Villa Franca, de Bucellas a Pero Pinheiro, e de Loures á bahia de Cascaes. A formação assenta sobre o grez de anterior origem e é sobre o calcareo hippurítico da mesma formação, que se fizeram as irrupções de basalto, cujos mantos lhe cobrem a superficie ao pé de Loures, por muita parte em roda de Lisboa; e é da decomposição d'este basalto que se formou em parte o terciario inferior, que veio depois, assim como provieram as terras escuras e ferruginosas, que abundam em torno de Lisboa. É do seio da mesma formação que surgiram tambem as rochas eruptivas de Cintra, levantando e inclinando-lhe ao mesmo tempo as camadas que a formam. D'estes e de muitos outros accidentes geologicos são a cada passo documento, nos arredores da cidade, as inclinações muito variadas das camadas sedimentares, as fendas, as falhas profundas que rasgam o terreno por toda a parte, e são observadas em direcções parallelas ou a estas cruzadas; e em geral o faz uma região toda ella muito accidentada, de cujos profundos abalos relativos a épocas geologicas mais afastadas, dão ainda testemunho aquelles a que hoje esta sendo ainda sujeita.

(2) Ou geology of neighbourhood of Lisbon. Trans. of Soc. of Geol. of London.

trazer a Lisboa. As bacias d'Odivellas e de Friellas ou Sácavem não são para isso mais favorecidas; as estimativas feitas indicam que não sobejam também ali as aguas, e que o trazel-as á cidade custaria o que, pela pouca quantidade d'estas aguas, não valeria a pena dispende. A ribeira d'Alcantara, apesar da visinhança, nunca mereceu a este respeito attenção séria. Restavam pois as bacias hydrographicas de Valle de Lobos; e a de Que-luz ou a bacia de Carenque. Estas mereceram sempre toda a attenção, pela extensão, maior que tem, pelas numerosas e copiosas nascentes, que essa extensão e a structura geologica do terreno lhes proporcionam, e pela altura, com relação ás de Lisboa, em que muitas d'estas nascentes existem, o que facilitou sempre a condução d'estas aguas a Lisboa. Foram por isso semelhantes aguas apetecidas pelos se-quiñosos de Lisboa, e para onde as vistas se dirigiram sempre, até que o dia chegou de entrarem em Lisboa á voz de D. João V.

A engenharia n'esse tempo ignorava ainda, na conducção das aguas, o modo de vencer as desigualdades de nivel pelo systema dos sy-phões, e por isso não havia para estas conduções outro meio, senão recorrer ás construcções romanas, aos grandes aqueductos. O das agoas livres, uma das primeiras obras d'este genero na Europa depois do periodo romano, custou 6:000 contos. Principiado em 1731, teve em 1751 o acabamento que bastou para começar a funcionar, a conclusão porém definitiva de todas as obras ainda só na regencia do Senhor D. Pedro II é que chegou a verificar-se. A canalisação tem ao todo 84;650 palmos de aqueducto e 47:713 de mina. Contam-se 117 arcos, dos quaes 37 são os que atravessam a ribeira d'Alcantara, medindo o maior 351 palmos d'altura. N'isto se comprehende o aqueducto de Carnaxide, que commeçou a ser construido em 1800, e foi concluido em 1851, custando 250 contos, que serviram a adquirir menos de 20 anneis d'agoa. O reservatorio das Amoreiras tem 490:348,8 palmos cubicos — e capacidade, que alojam pois umas 12:500 pipas d'agoa, como tudo consta das obras citadas de Velloso d'Andrade e João Baptista de Castro.

As aguas livres sustentavam em Lisboa 34 chafarizes com 85 bicas d'agoa sempre corrente, ás quaes acrescem a mais outras 188 que antes serviam só ás agoas orientaes. A administração das agoas livres, primeira nas mãos do senado e superintendida pelo governo, passou depois a ser gerida pelas juntas ou direc-

ções da nomeação d'este até voltar em 1835 ao municipio de Lisboa. Hoje está confiada á companhia das aguas.

As seguintes notas extraidas da obra de Velloso d'Andrade, servem a dar idéa da quantidade d'agua trazida pelos aqueductos a Lisboa. A primeira nota representa a média diaria d'estas aguas, medidas no meio e no fim do mez de agosto dos annos de 1822 a 1853, isto é, na estiagem de cada um dos annos; a segunda a totalidade das mesmas aguas, medidas no primeiro de cada mez dos annos de 1856 a 1858. É porém de advertir que de 1851 em diante o abastecimento das aguas livres achava-se já acrescido pelas obras de Carnaxide.

A medição das aguas livres, publicas e particulares, no mez de agosto e em numero d'anneis, deu o seguinte:

1822—50	1833—62	1844—43
1823—»	1834—35	1845—»
1824—43	1835—34	1846—73
1825—54	1836—47	1847—75
1826—51	1837—35	1848—52
1827—34	1838—69	1849—46
1828—54	1839—53	1850—»
1829—76	1840—66	1851—56
1830—55	1841—69	1852—56
1831—82	1842—60	1853—105
1832—58	1843—84	

A mesma medição geral feita no principio de cada mez, produziu em numero d'anneis nos tres annos de 1856 a 1858:

	1856	1857	1858
Janeiro.....	823	172	233
Fevereiro... 673		272	192
Março..... »		272	192
Abril..... »		332	315
Maió..... »		217	192
Junho..... 273		195	102
Julho..... 192		124	65
Agosto..... 130		83	72
Setembro... 93		67	60
Outubro.... 77		59	55
Novembro... »		»	»
Dezembro... 65		548	708

Do exame e comparação das duas notas resulta em primeiro logar, que o abastecimento obtido pelo aqueducto das aguas livres varia muito com os annos, e mais ainda com os mezes de cada anno, o que se liga á propria irregularidade das chuvas, de que essas aguas procedem; em segundo logar se vê, que um tal abasteci-

mento copioso como é em mezes de inverno e na primavera, escaceia na estiagem a ponto de chegar a ter dado apenas 34 anneis d'agua por dia, ou 56 depois das obras de Carnaxide, isto nos mezes de verão e quando a cidade mais motivos tem de precisar agua. O abastecimento alcançado pelas aguas orientaes, era reputado nas mesmas épocas de 18 a 22 anneis, o que junto ás menores cifras da nota anterior, faz 74 a 78 anneis d'agua; isto é, Lisboa não tinha por dia, nos mezes de maior estiagem mais do que 1850 a 1950 metros cubicos ou 4.850:000 a 4.950:000 litros d'agua corrente, o que faz apenas 9 a 10 litros por individuo, suppondo a população abastecida de 200:000 habitantes. O pensamento pois de augmentar o abastecimento continuou sempre, as diligencias contudo para o conseguir datam mais especialmente de 1847.

Tem lembrado: explorar melhor as bacias aquiferas de Bellas e Valle de Lobos, trazendo ao aqueducto aguas d'essa procedencia, ainda não aproveitadas; levantar as aguas do rio d'Alcantara e utilisal-as para o abastecimento; aproveitar melhor as do bairro oriental; formar grandes conservas na cidade e fóra d'ella, nas quaes se recolhessem as sobras do inverno para servirem no estio, e a este respeito assignala-se o projecto do engenheiro Pesarat, que traçou para isso a conserva da Quintã ao pé de Bellas. De todos estes planos e diligencias resultou, depois das obras de Carnaxide, a do aqueducto da Matta, executada pela primeira companhia das aguas, e o levantamento das aguas orientaes, operado pela segunda.

O aqueducto da Matta tem 8 kilometros de comprimento, traz as aguas das copiosas nascentes que existem na margem esquerda da ribeira do Valle de Lobos junto ao sitio de que recebeu o nome, e entronca no aqueducto geral a uns 2 kilometros a nordeste de Bellas. As aguas adquiridas por este modo, foram tantas, que igualaram quasi as que, antes das obras de Carnaxide, corriam no aqueducto geral.

Outro aproveitamento importante foi o das aguas orientaes, que em boa parte iam inutilizadas para o Tejo. O pensamento de aproveitar estas aguas é antigo; coube porém á actual companhia das aguas o realisal-o. O engenheiro Aguiar foi encarregado dos estudos, e quem levou a effeito a parte principal da obra. Este engenheiro avaliou a quantidade em 24 horas das aguas orientaes do seguinte modo:

*Chafariz do Rei*

Maré cheia.	16 anneis	6 1/2 pennas	448:683	litros
• vazia	14	• 6	• 397:683	•
Média.....	15	» 6	» 422:892	•

*Chafariz de dentro*

Maré cheia.	8 anneis	6 1/2 pennas	157,041	litros
• vazia	4	• 6 1/2	• 129,314	•
Média.....	5	• 2 1/2	» 143,137	»

*Chafariz da praia*

Maré cheia.	6 anneis	2 pennas	167,589	•
• vazia	5	• 7	• 137,766	•
Média.....	6	• 1/3	• 162,677	•

*Tanque das Lavadeiras*

Maré vazia e m 164 anneis e 2 pennas 1.728,039 •

O que não se aproveita e corria ao Tejo foi orçado em 65 anneis, quasi tanto como o que era fornecido na estiagem pelo grande aqueducto, avaliado então em 96 anneis e 7 pennas d'agua. Para obter este aproveitamento construiu-se um reservatorio ao chafariz da Praia, outro á Veronica com 69 metros acima do nivel do mar e permittindo a distribuição em toda a zona da cidade, que tenha até 49 metros da mesma elevação. O reservatorio da Praia recebe por meio de uma canalisação de tubos de gréz os sobejos dos quatro chafarizes, d'ahi a agua é levantada por bombas a vapor até ser levada ao reservatorio da Veronica, a qual aloja 2.207:820 litros d'agua. A distribuição d'esta faz-se depois, por meio de tubos de ferro, na área toda da cidade por este modo servida. A obra custou á companhia pouco mais de 100.000\$000 rs., e as machinas fazem a despeza annual de 3.300U000 rs. Levantam-se por dia 1.900:000 litros d'agua, consumindo por cavallo e hora 1 kilo de carvão e correspondendo isto a 75 kilogrammas d'agua levantada. Com 100 contos de réis, pois, e mais 3 de despeza annual, conseguiu-se um abastecimento, valendo quasi tanto ou mais como o que se chegou a ter na estiagem, á custa de milhares de contos, por meio do grande aqueducto, ainda augmentadas as aguas livres com as da Matta e Carnaxide; tão importante foi o melhoramento por semelhante modo alcançado.

O relatorio de 1868 da actual companhia das aguas dá para esse anno a seguinte medição com relação ás aguas do aqueducto, no principio da estiagem:

Aguas livres.	50 an.	2 pen.	4.351.803	litros	
• da Matta.	51	• 7	• 1.396:420	•	
• de Carn°	13	• 2	• 353:284	•	
• de part.	2	• 7	• 78:200	•	
Total.			118	2	2.179:707

No auge da estiagem, a 8 de setembro, esta quantidade foi de:

Aguas livres...	29 an.	0 <sup>1</sup> / <sub>8</sub> pen.	779:879 litros
da Malta	27	5 <sup>2</sup> / <sub>6</sub>	744:814
de Carno	7	5 <sup>1</sup> / <sub>8</sub>	207:704
de partes	1	2 <sup>1</sup> / <sub>8</sub>	039:734
Total..	65	7 <sup>1</sup> / <sub>2</sub>	1.772:211

O relatório de 1869 manifesta est'outra medição da totalidade das aguas livres, Carnaxide, Matta e particulares:

Janeiro...	607 an.	6 <sup>1</sup> / <sub>2</sub> pen.	16.337:000 litros
Fevereiro..	454 an.	2 <sup>2</sup> / <sub>8</sub> pen.	13.047:000 litros
Março .....	319 an.	1 pen.	8.577:000 litros
Abril .....	273 an.	3 <sup>5</sup> / <sub>8</sub> pen.	7.351:000 litros
Maió.....	272 an.	0 <sup>3</sup> / <sub>4</sub> pen.	7.314:000 litros
Junho .....	17 an.	5 <sup>3</sup> / <sub>4</sub> pen.	4.891:000 litros
Julho .....	136 an.	3 pen.	3.666:000 litros
Agosto.....	127 an.	6 <sup>3</sup> / <sub>8</sub> pen.	3.438:000 litros
Setembro..	129 an.	5 <sup>1</sup> / <sub>2</sub> pen.	3.501:000 litros
Outubro..	126 an.	1 <sup>3</sup> / <sub>4</sub> pen.	3.408:000 litros
Novembro.	133 an.	6 <sup>1</sup> / <sub>8</sub> pen.	3.612:000 litros
Dezembro .	126 an.	7 <sup>3</sup> / <sub>8</sub> pen.	3.428:000 litros

Resumindo temos pois, para o actual abastecimento, das aguas orientaes, e conforme a avaliação do engenheiro Aguiar, o fornecimento diario de 2.456:706 litros, que podemos supôr todos aproveitados; além d'isso, do aqueducto geral na estiagem, conforme a medição de 1868, mais 1 772:211 litros, e conforme a de 1869 3.408:000 litros; o que faz ao todo, para o primeiro caso 4.228:917, e para o segundo 5.864:706 litros de agua diaria em Lisboa. Conforme o ultimo censo, Lisboa na sua rigorosa circumscripção administrativa tem pouco mais de 160.000 habitantes; o abastecimento, porém, feito pelo aqueducto não serve só esta população, vae tambem aos suburbios; não erraremos por tanto muito, suppondo 200:000 o numero de individuos abastecidos pelos 4.228:917 ou 5.864:706 litros d'agua, fornecidos a 20 até 30 litros por pessoa em cada dia. É assim mesmo 3 a 4 vezes o que já foi, e a quanto se tem chegado em virtude das diligencias até hoje empregadas para trazer a Lisboa as aguas de que a povoação carece. Resta saber se é o que basta, se precisamos continuar a pedir mais.

Quando em 1855 se começou a levar a effeito o maior abastecimento d'aguas em Lisboa por meio da organização de companhias empresarias, a que tomava por firma Rumball e Medlicot, propunha-se fornecer a cidade na estiagem do dobro das aguas que esta então recebia e se calculava ser de 4litr.,94 ou 3<sup>1</sup>/<sub>2</sub> cançadas por individuo; tão pouco parecia apreciar-se n'essa época quaes eram as verdadeiras necessidades a este respeito. É verdade que

logo depois passou a proposta ou a exigencia, do duplo ao quatuplo, julgando-se occorrer a tudo do modo melhor com a distribuição de 17<sup>1</sup>/<sub>2</sub> cançadas ou 24litr.,70 d'agua por individuo. É proximamente o que se tem effectivamente alcançado depois de todas as diligencias até hoje empregadas pelas duas companhias das aguas, reconhecendo-se porém não ser o que basta.

A cidade de Paris, que no principio, como todas as poyoações, vivia da agua das nascentes e poços, accumulada nos diferentes lençoes aquiferos das camadas geologicas do terreno adjacente, só em 1777 começou a levantar as aguas do Seine para o seu abastecimento; e em 1850 obtinha este abastecimento com as aguas das nascentes existentes ao norte da cidade, as provenientes d'Arcueil, as existentes do poço de Grenelle, as do canal de l'Ouercq, além das que saiam do Seine. Não contente com isso cuidou depois de adquirir as aguas das nascentes, e da drenagem de uma porção do solo cretaceo da Champagne, o que deveria trazer à cidade 170:000 metros cubicos da melhor agua, conduzida por 479,9 kilometros de aqueductos, e isto pela despeza que fôra orçada em 62 milhões de francos. Parte d'estes aqueductos, o de Dhuis, chegou a construir-se, e metteu na cidade 40:000 metros cubicos d'agua; a outra parte, a que havia de constituir os aqueductos de Sommesonde e de Vanne, contava-se que fosse substituida por mais 300:000 metros cubicos d'aguas levantadas diariamente do Seine, e trazidas filtradas a Paris, conforme o conselho e projecto do engenheiro Aristides Dumont, o auctor dos filtros naturaes da cidade de Lyon. Com isto e com os meios anteriores esperava-se um abastecimento diario de 470:000 metros cubicos d'agua, correspondente a 230 litros por individuo.

As necessidades d'agua para uma cidade populosa, conforme as formulou primeiro Dupont e D'Aubuisson (1), podem exprimir-se do seguinte modo:

Por individuo .....	20 litros
Cada cavallo .....	75 litros
Vehiculo de 2 rodas.....	40 litros
Vehiculo de 4 rodas.....	75 litros
Por metro de jardim, suppondo 100 dias e 5 litros por metro quadrado em cada dia	1.5 litros
Machina de vapor, alta pressão, por cavallo de força, e por cada 1 de tempo.	4 litros
Dita baixa pressão.....	20 litros
Dita com deseango (à détente) e conden.	10 litros

(1) Vide: *Estatistique des eaux de Paris*, par Émery. *Ann. des Ponts et Chaussées*, 1.º sem. pag. 145.

Com isto ha a attender todas as precisões industriaes, os banhos publicos, a rega e a limpeza da cidade, do que poderemos formar idéa pelos seguintes numeros.

Em 1840 os estabelecimentos industriaes eram 336, e consumiam por dia 1032 metros cubicos ou 1.032:000 litros d'agua. Depois esta despeza não terá feito senão crescer, como é natural.

Cada banho com os accessorios de que precisa, calcula-se gastar 3368 litros d'agua. Pela mesma época de 1840 Paris consumia por anno 1.637:500 banhos, e por conseguinte 551.182:500 litros d'agua, o que importava em 122:720 francos, tendo a agua de cada banho o valor de 0fr,05 ou 0fr,12, conforme provinha do canal de l'Ourcq ou do Seine. Isto corresponde ao consumo diario de 1.510:080 litros ou pouco mais de 1:510 metros cubicos, o que será hoje dobrado e mais com o augmento que tem havido na povoação.

Contava-se com 135 dias de rega nas ruas, feita duas vezes nos 100 dias e uma vez nos 35 restantes, o que faz 235 serviços de rega em cada anno. Para um metro quadrado de superficie regada julga-se preciso 1 a 1,6 litros d'agua.

A lavagem das ruas faz-se por meio dos marcos fontenarios, collocados para isso nos pontos salientes da cidade e dominando de um e de outro lado certo prolongamento das ruas. Havia em Paris assim 300 d'estes marcos fontenarios, collocados para isso nos pontos salientes da cidade e dominando de um e de outro lado certo prolongamento das ruas. Havia em Paris assim 300 d'estes marcos fontenarios que lavavam 113:000 metros de ruas, hoje deve haver mais. Faz-se este serviço durante uma hora, tres vezes ao dia, nos de verão, e consome-se n'elle e na lavagem dos canos por este meio mais da metade de todo o abastecimento das aguas de Paris, não despejando cada marco fontenario por dia menos de 1:800 a 2:000 litros d'agua. (2)

A agua do canal de l'Ourcq nos domicilios custava em Paris, segundo Émery, a razão de 500 francos por anno o volume de dez metros cubicos diarios, ou valia 0fr,01375 cada 100 litros; é aproximadamente 2 réis por barril de de 3 almudes. O abastecimento feito pelas fontes publicas, pelos marcos fontenarios, é gratuito, assim como é o respectivo ás regas, á limpeza e ao serviço dos estabelecimentos

(2) Vide: *Eaux et bornes fontaines*, Émery. *Ann. des Ponts et Chaussées*, 1.<sup>a</sup> serie, 1834, 1.<sup>o</sup> sem.

publicos. Os bebedoiros para os cavallos dos vehiculos d'aluguel são tambem objecto de certa contribuição. Na época a que nos temos referido n'esta estatistica, havia em Paris 1:120 fiacres e 985 cabriolés de praça, servidos por 2:504 cavallos, que se suppunha consumirem cada um nas 16 horas do serviço diario 50 litros d'agua. A contribuição assim paga produzia no anno 117:000 francos, correspondendo por cavallo a pouco mais de 46 francos.

Em Londres o abastecimento é hoje feito com as aguas do Tamisa, do New river e das ribeiras Amwel e Lea, levantadas todas por bembas a vapor, e distribuidas pela cidade a perto de 300:000 casas de habitação, que recebiam assim diariamente em 1850 não menos de 260:000 metros cubicos d'agua, 90 a 100 litros por pessoa. São 9 as companhias empresarias, e d'estas, seis servem-se da agua do Tamisa, custando-lhes cada metro cubico d'agua levantada menos ainda que o valor de 3 réis. O abastecimento nas casas deixou de ser intermitente, os depositos por isso ali não existem a agua corre perenne nas habitações á vontade dos que a precisam. O pagamento feito pelos particulares ás companhias é regulado por uma porcentagem da renda das casas, 5, 4 e 3 por cento, segundo a importancia d'essa renda e mais se ha maior numero de *water-closet*, se ha carruagens, cavallos, e terrenos a regar. As casas de banhos, as fabricas e estabelecimentos industriaes pagam a agua que consomem, a razão de tanto o metro cubico; são além d'isso as companhias obrigadas a fornecer a agua precisa para a extincção dos incendios e para a limpeza das ruas, para o que existem distribuidas pela cidade as convenientes bocas de incendio, e os precisos marcos fontenarios, collocadas para isso as primeiras de 73 em 73 metros de distancia, os segundos de 500 em 500. Em quanto, porém, que em Paris se consomem por dia 55 litros nos serviços geraes da cidade e 35 nos usos domesticos, em Londres se gastam nos primeiros 15 e nos segundos 80.

(Continua)

#### EUCALYPTUS GLOBULUS

O mui distincto professor Bentley, em uma preleção que fez sobre o *eucalyptus globulus*, nos jardins da Real Sociedade de Botanica em Regent'spark, depois de dar